

Haydn com chocalhos, política e narizes de palhaço

Festival. Bolina reuniu palhaças de todo o mundo nos Açores e mostrou novas tendências. Humor e intervenção social andam a par

FILOMENA NAVES

Pode-se tocar Haydn com chocalhos sem desafinar a obra do mestre? Pois, soará estranho, mas a verdade é que se pode. A austríaca Tanja Simma, ou melhor, a sua *clown*, Anna de Lirium, fê-lo há dias em Ponta Delgada, nos Açores, no popular espaço Arco 8. A inesperada mistura de sons da orquestra clássica com os chocalhos tocados (batalados?) nos sítios certos por uma Anna de Lirium que seguia a partitura com muita convicção pôs a plateia a rir à gargalhada. Mas aquele foi só um dos muitos momentos divertidos do *show The Substitute*, que Tanja apresentou no Bolina, o primeiro festival internacional de palhaças dos Açores, organizado pela cooperativa cultural Descalças e a Associação 9' Circos.

A comédia musical da austríaca tem um pouco de tudo: humor, música clássica, *rock* da pesada, danças em sucessão vertiginosa e equívocos q.b., que ela explora até ao delírio – afinal, é o seu apelido, certo?

The Substitute tem ano e meio de estrada. Depois da estreia em Viena, em 2013, Tanja Simma já levou o espetáculo a Espanha, Bélgica, Polónia, Alemanha, Suíça e Brasil, entre outros, e agora trouxe-o a Portugal, a São Miguel, nos Açores. “Mas o *show*”, diz ela, “ainda está a crescer, ainda tem muito potencial de descoberta. Encontram-se sempre coisas novas, pequenos improvisos, à medida que fazemos a *performance* e interagimos com o público”, explica.

Na base está a história de uma mulher à procura de emprego numa loja de instrumentos musicais, que tem de esperar sozinha pelo chefe que vai entrevistá-la. Ele está atrasado e ela tem uma recomendação expressa: não tocar em nada. A comédia desenrola-se a

partir daí, com a terrível tentação de mexer em tudo, e ela não resiste: Anna toca nos chocalhos e com eles acaba a interpretar Haydn, toca numa aparelhagem que lhe transforma a voz, e que ela explora até ao riso, toca numa serra de metal e transforma-a num cómico violino, ou ainda numa pequena guitarra elétrica na qual interpreta primeiro a inocente *Twinkle Twinkle Little Star*, para se lançar depois num *rock* furioso. No final, Anna ganha o trabalho... de empregada de limpeza. Mas por pouco tempo, porque decide subverter o destino: põe um nariz de palhaço no esfregão e canta com ele um dueto hilariante de uma canção de Sinatra.

No Arco 8, o público riu-se durante quase uma hora e não poupou aplausos. A reação típica que Tanja observa nos países latinos. “Foi assim em Espanha e no Brasil”, conta, sublinhando que “estes públicos são mais abertos”. No seu país, por exemplo, “as pessoas são muito críticas à partida, é preciso ganhá-las”.

É isso que ela tem feito desde há quase três décadas. Na Áustria, “os palhaços, e por maioria de razão as palhaças, não são figuras muito consideradas”, diz Tanja Simma. E por isso “não há espaços para fazer espetáculos de palhaços, a não ser, às vezes, nos *cabarets*”.

O movimento do clown moderno Apesar da pouca abertura aos *clowns* no seu país, foi essa vida que acabou por escolher, “quase por instinto”, explica. “Tinha 18 anos, estava a acabar o liceu e não sabia bem o que fazer. Sempre cresci com música em casa, tocava piano e cantava, mas não queria ser pianista, nem cantora, ou professora de música. Então, um dia uma amiga anunciou-me que ia ser palhaça e eu, sem pensar, disse-lhe: olha eu também.”

Assim foi. Fez um curso de Mú-



A francesa Colette Gomette (Hélène Gustin) mostrou em Rabo de Peixe o poder do humor na crítica política

MARIA GABRIEL SOUSA



A peruana Wendy Ramos trouxe o seu espetáculo *Cuerdas aos Açores*: uma reflexão sobre a vida, com muitas gargalhadas

sica, Criatividade e Performance na Universidade de Viena e, estava ainda a estudar, quando se juntou aos Palhaços-Médicos de Nariz Vermelho de Viena, que entretanto cresceram e se internacionalizaram, e com os quais continua a trabalhar. “Eles deram-me uma boa formação e continuamos a fazer todos os anos um *workshop*, que agora é internacional.”

Hoje, com uma carreira consolidada, que inclui duas temporadas no *show Varekai* do Cirque du Soleil, entre 1999 e 2001, a cofundação em 2008 do Theater Olé, o primeiro teatro de palhaços da capital austríaca, e a participação em festivais nos quatro cantos do mundo, além das intervenções regulares nos hos-

pitais – “aí ponho sempre o nariz, no palco nem sempre”, confessa – Tanja leva já 27 anos de vida a fazer rir os outros.

Nestas quase três décadas, “os palhaços não conquistaram melhor estatuto na Áustria”, na sua opinião. “O que mudou foi o facto de hoje haver mais *clowns* de hospital, que também ganharam mais visibilidade.”

Essa expansão dos palhaços de hospital não aconteceu só na Áustria, mas por todo o mundo – por cá também. Esse tipo de intervenção é hoje, aliás, uma das facetas mais visíveis do chamado movimento do *clown* moderno, de que a peruana Wendy Ramos, formadora, madrinha e participante do festival Boli-

na, nos Açores, é um dos expoentes a nível internacional. Wendy descobriu o seu caminho quando fez, ainda nos anos de 1990, um *workshop* na Argentina, no qual se cruzou com as novas tendências artísticas do *clown* moderno, com raízes na década de 1960.

Muito para lá das tradicionais duplas dos palhaços ricos-palhaços pobres, o *clown* contemporâneo intervém em todos os palcos, incluindo em bairros desfavorecidos, em zonas de conflito ou de catástrofe, e tem comédia, humor e comunicação, calor humano, interação com os outros e até a crítica política, como faz a francesa Hélène Gustin.

Hélène também esteve nos Açores com o seu *alter ego* Colette Go-

Tanja Simma, aliás, Anna de Liriam, levou ao palco açoriano a sua comédia musical



mette e o show *Le Ditacteur* – votem em mim, pedia Colette, de nariz vermelho e meias às riscas, a distribuir panfletos plateia fora, com um jeito de mimo. Com este trabalho, Hélène faz “uma paródia ao poder”, ao mesmo tempo reafirmando o poder do humor, “que acaba de receber um golpe horrível com o massacre dos cartoonistas do *Charlie Hebdo*”, lembra. Ela estava em Paris na altura e quase não encontra palavras para falar disso. “É terrível quando algo assim acontece, quando se mata o humor e os humoristas”, desabafa. Ser *clown*, diz ela, “não é só fazer rir”.

Palhaços todo-o-terreno

Wendy Ramos é uma das que põem este lema em prática quotidianamente. Foi logo a seguir à formação na Argentina que decidiu ser palhaça. “No Peru não havia nada assim na altura, por isso fiz muitas formações e criei um grupo, o Pataclaun.”

A televisão convidou-os para fazer uma série de programas, mas o êxito foi tal que estiveram durante dois anos no ar. Depois tornou-se ela própria formadora e em 2001 criou no Peru a Asociación Bolaroja, Clowns Todo-o-Terreno que, além das atividades de palhaços no hospital, desenvolve também intervenções sociais em bairros pobres na região de Belén, no Peru, ou em zonas de catástrofe. “Viajamos muito e desenvolvemos laços estreitos

com os outros palhaços e palhaças, esta é uma atividade muito emocional, muito forte”, confessa.

Wendy apresentou pela primeira vez em Portugal, no festival Bolina, o seu último espetáculo, *Cuerdas*, o primeiro que faz a solo em mais de 25 anos de carreira. Nele reflete sobre as amarras que, muitas vezes com a nossa própria conivência, nos impedem de viver. Presa por uma corda – literalmente –, que lhe impõe limites apertados, Wendy, com o seu nariz de palhaço – “uso-o sempre quando trabalho, fico menos vulnerável”, explica –, desenrola em *Cuerdas* o fio da sua própria história, com as suas pequenas e grandes recordações, os seus pequenos e grandes feitos e encontros, e ri-se também de si própria. No fim, claro, desamarrasse e, sempre de nariz posto, sai de cena... para a vida.

Talvez na Áustria, a pátria de Haydn – e de outros grandes vultos da música, da ciência ou da filosofia, como Freud ou Wittgenstein –, os palhaços não sejam ainda considerados cultura, como diz Tanja Simma. Mas é, talvez, uma questão de tempo. Como mostrou o festival Bolina, o trabalho destas palhaças nos vários palcos – das plateias mais formais aos bairros pobres e aos hospitais – tem lá tudo. Ou quase tudo. E, para o ano, o Bolina, que agora criou a primeira rede mundial de palhaças, vai estar de volta.

Supertramp iniciam tournée europeia em Portugal

CONCERTO Gondomar e Lisboa são os dois palcos nacionais que recebem a mítica banca britânica, a 3 e 4 de novembro, respetivamente

Portugal, mais concretamente o Pavilhão Multiusos de Gondomar, foi o palco escolhido pelos Supertramp para o arranque da nova digressão europeia da mítica banca britânica, *Supertramp Forever Tour*. A data escolhida foi 3 de novembro, uma terça-feira, e no dia seguinte o grupo apresenta-se na Meo Arena, em Lisboa. Para esta digressão, que passará também por França, Alemanha, Áustria, Espanha, Suíça, Itália, Bélgica, Holanda, Luxemburgo e Inglaterra, a banda promete trazer um espetáculo histórico que incluirá alguns dos principais *hits* como *Bloody Well Right*, *Dreamer*, *From Now On*, *Goodbye Stranger*, *The Logical Song*, *Rudy*, entre outros temas que fazem parte do imaginário de várias gerações.

Segundo informação da promotora do espetáculo em Portugal, a Everything Is New, em palco, a acompanhar o vocalista, teclista e fundador dos Supertramp, Rick Davies, estarão o saxofonista John Anthony Helliwell e o baterista Bob Siebenberg, que desde 1973 integram a formação da banda. Também os músicos veteranos das últimas digressões irão novamente acompanhar a banda – Jesse Siebenberg (vocaís, guitarra e precursor), Cliff Hugo (baixo), Carl Verheyen (guitarra), Lee Thornburg (trombone, trompete, teclado e vocais), Gabe Dixon (voz e teclado) e Cassie Miller (voz).

Esta digressão irá ainda marcar o tão esperado regresso do multi-instrumentista Mark Hart à formação dos Supertramp, banda com a qual participou em vários trabalhos de estúdio e em *tournees*, entre 1986 e 1988 e entre 1996 e 2002. O álbum *Free As a Bird* (1987) foi o primeiro que contou com a participação deste músico norte-americano que faz parte do grupo Crowded House.

Davies, o impulsor da criação da banda, em 1969, juntamente com o designer de luz Michael Brian Duncan, planearam ao pormenor esta nova produção que promete oferecer ao público uma experiência de som e luz à imagem das anteriores digressões dos Supertramp, como a que passou em Portugal em 2010.

Os bilhetes vão estar à venda a partir de dia 27 deste mês e variam entre os 36 e os 49 euros em Gondomar e os 21 e os 49 euros na Meo Arena, em Lisboa. M.M.



CCB

20.21 FEV

Pequeno Auditório / 21h / M/16

TEATRO

The Blue Boy

Brokentaklers

Feidlim Cannon / Gary Keegan conceção e encenação

Marine Besnard, Feidlim Cannon, Dylan Coburn Gray,

Eddie Kay, Jessica Kennedy, Megan Kennedy intérpretes:

Lucy Andrews músico

LEGENDADO EM PORTUGUÊS

ESTE ESPETÁCULO CONTÉM CENAS EVENTUALMENTE CHOCANTES

• PRODUÇÃO CCB

8 MAR

Grande Auditório / 17h / M/16

Sinfonia n.º 3 de Mahler

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Joana Carneiro direção musical

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Giovanni Andreoli maestro titular do coro | Maria José Montiel meio-soprano

• COPRODUÇÃO CCB/OPART

7>11 MAR

Pequeno Auditório / dias 7, 9, 10 e 11 às 21h / dia 8 às 16h / M/12

TEATRO

Meio Corpo

Um espetáculo de Ricardo Pais

versão livre de *Igual ao Mundo* de Jacinto Lucas Pires

Emília Silvestre, Jorge Pinto, João Castro,

Lúis Araújo, Simão Do Vale, António Parra Intérpretes

• COPRODUÇÃO CCB | ENSEMBLE-SOCIEDADE DE ATORES | TNSJ | TEATRO VIRIATO

Bilheteira online www.ccb.pt

Desconto Cartão Amigo CCB

CCB/TICKETLINE INFORMAÇÕES / RESERVAS LINHA 1820

O CCB informa que, de acordo com o Decreto-Lei n.º 116/83 de 24 de Fevereiro, os menores de 3 anos não podem assistir a quaisquer espetáculos.



PARCEIROS MEDIA PARA A TEMPORADA CCB / 2015

Diário de Notícias

RTP

MEIO CORPO COM O APOIO DE:

